

Timor dos Malai Sira ?

«O homem sonha e a obra nasce». Parece agora incontornável reconhecer que estes versos de Fernando Pessoa, recorrentemente convocados para celebrar esse mítico « período de ouro » da história de Portugal que se continua a titular « descobrimentos e expansão portuguesa », não se aplicam em definitivo ao trabalho complicado da investigação das ciências sociais que incluem Timor Leste nos seus horizontes de estudo. Talvez os versos possam funcionar *ad contrario*, destacando uma obra que nasce e se concretiza muito longe do que se projectara, entre generosidade científica e ingenuidade política. Quando pensamos este *dossier* dedicado a Timor Leste, sonhou-se excessivamente em criar obra nova, concorrendo para debuxar uma nova maneira de mobilizar a investigação em ciências sociais acerca do Timor oriental : associando estreitamente investigações de vários cientistas europeus - portugueses, franceses, britânicos... - às ainda mais novas investigações da muito jovem actividade científica desses colegas timorenses que procuram, entre escolhos mil e incompreensões muitas, erguer Universidades e instituições de investigação científica. Não foi o que se deu. Muitos pedidos foram feitos. Promessas oferecidas. Prazos sucessivamente incumpridos. Os títulos eram mais do que prometedores, os temas excitantes e as problemáticas ofereciam-se com a renovada frescura desse *anin hirin* que quase nos salva dos calores abrasadores das terras baixas de Timor. Este vento refrescante misturado com uma suavíssima neblina não se verteu ainda em páginas de investigação escritas e publicadas pelos jovens investigadores timorenses, mas preferiu rumar - e bem -, misturada e intensamente, em direcção ao processo de transição política, invadindo comícios, sessões de esclarecimento, discussões, votações. Alguns dos timorenses prometidamente convidados a escrever para este « dossier » são agora deputados, um ou outro é mesmo ministro. Fizeram mais do que bem... Ganharam em participação cívica, empenho político e participação democrática. Ganharam o direito a escolher e a polemizar. Talvez este *dossier* sonhado entre amizades e exaltações perseguindo a formidável voragem da transição política timorense tenha ficado menos rico, mas não paradoxalmente mais pobre atendendo não apenas ao interesse dos estudos e problemas publicados,

como também às muitas discussões propostas. Certamente, estes problemas e discussões publicados permitirão avisar precisamente a crítica dessa jovem investigação científica timorense que, redescobrimo o gosto inebriante de uma política « nova », procura também renovar as ciências sociais que estudam essa metade de uma ilha que decidiu tornar-se definitivamente independente...

« Estrangeiros eles » ?

Malai sira - « estrangeiros eles » (literalmente), dirão provavelmente alguns desses investigadores timorenses quando lerem estes artigos com essa desconfiada sabedoria de quem ouviu muitas promessas, participou em centenas de « anteprojectos » disto e daquilo, acolhendo nestes últimos dois anos tantos milhares de forasteiros balançando entre uma quase ingénuo solidariedade fraterna e o sentido de oportunidade em concretizar um negócio tão rápido como lucrativo, dos cafés só frequentados por estrangeiros aos sacos de cimento que custam duas e três vezes o seu preço em qualquer hipermercado de França. De facto, para quem visita Timor Leste agora as perplexidades são imensas e os sonhos mil. As obras escassas. Um país de indiscutível rara beleza, misturando das mais belas praias do mundo com verdadeiras estâncias de altitude desafiando os trechos mais espectaculares dos postais e calendários alpinos, cruza-se com um mundo em que se escasseiam as oportunidades, os empregos, sobrando a miséria. A desorganização administrativa é enorme, a confusão social intensa. E, no entanto, os timorenses sabem maioritariamente ao que vão: votaram esmagadoramente pela independência contra essa especial integração oferecida pelo ex-Presidente Habibie da Indonésia em Agosto de 1999 e, apesar da destruição inimaginável que queimou milhares de casas e ceifou muitas vidas, votaram hoje de forma inequívoca pelo partido que representa a libertação e a independência, a Fretilin, distribuindo ainda os votos restantes por outros pequenos partidos em que se descobria a resistência estudantil da última década ou mesmo vetustas figuras ligadas a essa independência gritada em 28 de Novembro de 1975, na altura pouco reconhecida, mas agora definitivamente retomada. Espanta, de forma quase incompreensível aos nossos olhos de observadores e investigadores quase sempre distantes, a força enormíssima dos lugares de memória de 1975. Não se repetiu qualquer tipo de guerra civil ou de afrontamentos violentos intrapartidários, pelo contrário, as eleições para a Assembleia Constituinte foram exemplares em participação, transparência e tranquilidade. Mas espanta, de facto, muito mais o apego genuinamente popular que se cultiva em direcção aos grandes heróis da resistência timorense: Nicolau Lobato, Alex, Konis Santana... São lugares da memória tão importantes e venerados nos pequenos e grandes espaços sociais de Timor como essas irritantes estátuas portuguesas « d'aquém e d'além mar », celebrando sempre os mesmos navegadores e descobridores que chegaram mais rápido do que outros europeus a culturas e sociedades de milenares civilizações. Estas figuras transmutaram-se em

estátuas verdadeiramente vivas e encheram comícios, sendo quase obrigatório em muitas aldeias e cidades receber festivamente alguns dos familiares militantes destes resistentes caídos entre 1978 e 1998. É uma veneração cerzida certamente por motivos políticos e nacionais, mas quase nos interrogamos se ela não conseguiu de forma extraordinária transferir os velhos rituais sociais celebrando os poderes carismáticos desses antepassados fundadores das grandes linhagens dos territórios sociais de Timor oriental, consagrados nesses *ai tos* em pedra e madeira de pau ferro que marcavam montes e florestas, sacralizando territórios e especializando tabus de demorada importância na hierarquização social tradicional. Chega-nos à memória o peso enormíssimo da ancestralidade e do patriarcalismo, quase apeteendo partir à descoberta da oposição a estas simbolizações distintivas no processo de aparecimento de alguns partidos jovens, como, por exemplo, esse interessante Partido Democrático que, reunindo parte da antiga resistência estudantil agora vazada em boa parte dos professores e da *intelligentsia* de Díli, conseguiu fundar-se nos finais de Junho para chegar em Agosto ao segundo lugar das eleições, garantindo a eleição de sete deputados. Muito longe, porém, dos 57 % da Fretilin valendo 55 deputados, todas as vitórias distritais e algumas mais do que expressivas votações acima dos 80 %, como ocorreu no populoso distrito de Baucau, de onde agora saem camionetas carregadas de arroz que já não se consegue vender aos restaurantes e armazenistas de Díli, definitivamente integrados e obrigados às redes do comércio internacional.

Bahasa e koronsongs

Se, no demorado e angustiante processo de compilar este *dossier*, resta apenas um artigo de uma timorense, lido e discutido num seminário sobre « Nation-building in East Timor », organizado em Junho, em Lisboa, pelo Centro Português de Estudos do Sudeste Asiático e pela School of Oriental and African Studies, não se adjectivem os trabalhos restantes apenas com esse desconfiado *malai sira*. Quase todos os investigadores que assinam estes artigos reúnem uma demorada e, tantas vezes, incompreendida experiência para pensar de forma científica e independente o processo timorense, sendo também vários os que mantêm investigação no território, mais intermitente do que continuada, haja em vista as dificuldades em convocar apoios e financiamentos que parece terem-se esgotado em ajudas de emergência indiscutivelmente importantes, mas percebendo muito mal a urgente necessidade de se estudar rigorosamente um território quase completamente desprovido dos indicadores sociais mínimos. Que são, quando existem, dramáticos. Nas estruturas da mortalidade, elevadíssima na sua componente neonatal e infantil, nas estatísticas das doenças e morbidades, nos parcos indicadores económicos ou na mancha numérica da pobreza que abrange a esmagadora maioria da população. Contudo, apesar desta pobreza que se apercebe em todo o lado, somos constantemente desafiados a encontrar pedaços do Timor oriental que funcionam bem, como nesses espaços em que

a economia rural continua a produzir arroz com abundância, recupera a produção do café e alimenta muitos bazares, como esse enorme mercado de Díli onde é possível encontrar tudo, desde as hortaliças mais viçosas aos « estimulantes » à base de noz de areca, passando pelo último grito em matéria de altíssima fidelidade ou o último êxito dos grandes cantores populares indonésios. Espanta esta economia local que continua a alimentar-se esmagadoramente de produtos manufacturados indonésios, funciona em rupias e, muitas vezes, se fala no *bahasa* do país vizinho. Antigo ocupante? Odiado? O elemento económico, social e cultural indonésio está presente por todo o lado. O indonésio é falado por uma imensa maioria, como o *tetum*, aliás, alimentando as canções e enchendo as cassetes e « compactos » dos novos *rocks* e *koronsongs* que se ouvem nas muitas centenas de « táxis » e camionetas que asseguram com enorme rapidez e eficiência um transporte público que se paga quase sempre com uma nota de mil rupias. Este panorama social, económico e cultural talvez ajude a perceber a necessidade de contrabalançar esta « dominação » através da agitação de símbolos e lugares da memória claros, radicais na sua resistência e intransigentes nos seus princípios de independência, agora, finalmente, já !

Frágil Portugal

Em contraste, admira a frágil presença de influências culturais portuguesas duradouras. É verdade que a « verdadeira » colonização do Timor oriental é tardia, posterior apenas às guerras de pacificação de Manufhai, em 1913-14. A colónia era mais para exilar excitados e revoltosos, metropolitanos e africanos, do que para desenvolver, pese embora alguns tímidos esforços a partir da década de 1960. É verdade que nos « novos » mapas australianos de Díli, raros e caros, continua a surgir uma generosa toponímia portuguesa, incluindo essa Avenida Salazar, marginal como convém, mal iluminada também, mas espaço de passeio para muitos pares de namorados, sobretudo internacionais, com pouco tempo para observar tão perto e tão longe a ilha de Ataúro, parte pequena do Timor oriental que Pulo Cambing (ilha das cabras) se chama, ali mesmo em frente a baía de Díli. Os resquícios de um passado nem especialmente interessante nem muito menos « glorioso », aquilo que se designa (mal) por presença portuguesa é tão residual como os cerca de 5 % de timorenses que declararam « falar português », pessoas geralmente idosas, ex-funcionários coloniais e alguns (poucos) regressados da pequena « diáspora » portuguesa. Mais irritantemente ainda, existe uma certa forma de pensar a cooperação portuguesa que domina alguns sectores dos decisores políticos e académicos que navega águas tão estranhas como difíceis de renovar. De facto, a partir da historiografia portuguesa dominante foi-se erguendo a ideia de uma *idade de ouro* da História de Portugal que, apertada entre o infante Navegador e as primeiras décadas do reinado de D. João III, teria concretizado a especialização do « Ser » ou da « Alma » Portuguesa. Amarrada a estes essencialismos, edificou-se a tópica de uma gesta premonitória que teria dado

« novos mundos ao mundo », avisando não apenas os caminhos da identidade nacional portuguesa, mas também formas singulares de construir um império que se pensava eternamente civilizador e mesmo redentor da ocidentalidade católica. Estas ideias não abandonaram ainda hoje o fazer história da colonização e do colonialismo (uma noção quase « maldita »...) portugueses, tanto em termos gerais, como na sua expressão timorense. Os poucos títulos actualmente disponíveis para esta parte oriental do mundo perseguem através da parcialidade das fontes oficiais portuguesas as evidências ou « provas » daqueles essencialismos indiscutidos, ignorando outras sociedades, outras culturas e a dimensão rigorosa da expressão social e cultural da presença colonial portuguesa. No domínio do Sudeste Asiático, a situação é ainda mais limitada, já que o peso das construções ideológicas mescla-se com uma ignorância dos tempos e espaços das culturas que organizaram longamente as sociedades locais, resistindo até aos inícios do século XX às violentas ofensivas do colonialismo europeu, holandês pela Indonésia e português na pequena parte leste de Timor. As limitações adensaram-se ainda com a forma como a questão política timorense foi sendo representada em Portugal nos últimos anos, especialmente entre 1996 e 1999. Discurso político e informação mediática ergueram uma atraente dicotomia em que a uma espécie de santificação dos timorenses se contrapunha uma demonização de uma Indonésia largamente ignorada pela investigação científica portuguesa, dialéctica que ressuscitou em certos sectores políticos e intelectuais, entre a catarse do colonialismo português e uma sincera solidariedade para com o sofrimento do povo timorense, antigas ideias orbitando em torno da especificidade da expansão colonial portuguesa, quase inacessível a uma investigação afastada dessas raízes singulares da identidade nacional forjada precisamente nessa época de ouro dos « descobrimentos » e « expansão » portugueses... A partir daqui, para alguns destes sectores que continuam a influenciar parte das ciências sociais portuguesas, as nossas relações actuais com o mundo não-europeu teriam de obrigatoriamente convocar essa antiga pauta de leitura generosamente criada por essa peculiar forma portuguesa de estar no mundo que, mesmo depois dos processos de independência e edificação nacional, continuaria a ser desejada no « íntimo » pelas populações e territórios colonizados por Portugal que, da África a Timor, estariam irremediavelmente dominados pela crise, pela fome e pela doença, o que não teria certamente acontecido se, dizem, a descolonização tivesse sido diferente. Mas como ?

Existe, pelo contrário, em muitos sectores da vida política e social de Timor Leste uma evidente mitificação de Portugal, paralela, significativamente, à mitificação que se foi destacando para ficar na sociedade portuguesa de hoje acerca de Timor e da sua gente. Para muitos timorenses, Portugal é uma espécie de longínquo salvador que irá sempre ajudar e proteger o velho crocodilo agora independente, mas sempre pobre. Curiosamente, em vários meios populares e em aldeias rurais esta ideia reproduz-se, mas muitas destas pessoas não sabem sequer onde fica Portugal. Alguns, mais velhos, recordando talvez alguma longínqua aula de mestre-escola da « primária », ainda arriscam dizer que Portugal parece que fica na África, à

beira de Angola e Moçambique, havendo também outros que asseguram estar Portugal firmemente integrado na Ásia. Finalmente, alguém nos esclareceu definitivamente : Portugal fica no céu ! Será isto um mito ou uma « sina » ?

Outubro de 2001

Ivo Carneiro de SOUSA

Centro português de estudos do Sudeste Asiático (Cepesa, Lisboa)
